

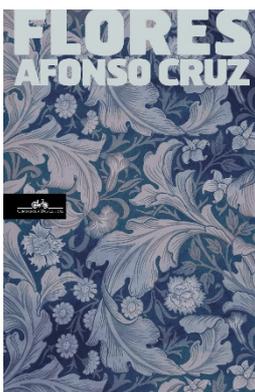


DUAS DE LETRA
GRUPO DE LEITORES FPIE

ABRIL 2016

GUIA DE LEITURA

FLORES - AFONSO CRUZ



Biografia: Além de escritor, Afonso Cruz é também ilustrador, cineasta e músico da banda The Soaked Lamb. Nasceu em 1971, na Figueira da Foz, e viria a frequentar mais tarde a Escola António Arroio, em Lisboa, e a Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, assim como o Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira e mais de cinquenta países de todo o mundo. Já conquistou vários prémios: Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco 2010, Prémio Literário Maria Rosa Colaço 2009, Prémio da União Europeia para a Literatura 2012, Prémio Autores 2011 SPA/RTP; Menção Especial do Prémio Nacional de Ilustração 2011, Lista de Honra do IBBY – Internacional Board on Books for Young People, Prémio Ler/Booktailors – Melhor Ilustração Original, Melhor Livro do Ano da Time Out 2012 e foi finalista dos prémios Fernando Namora e Grande Prémio de Romance e Novela APE e conquistou o Prémio Autores para Melhor Ficção Narrativa, atribuído pela SPA em 2014.

Sinopse de *Flores*: Um homem sofre desmesuradamente com as notícias que lê nos jornais, com todas as tragédias humanas a que assiste. Um dia depara-se com o facto de não se lembrar do seu primeiro beijo, dos jogos de bola nas ruas da aldeia ou de ver uma mulher nua. Outro homem, seu vizinho, passa bem com as desgraças do mundo, mas perde a cabeça quando vê um chapéu pousado no lugar errado. Contudo, talvez por se lembrar bem da magia do primeiro beijo - e constatar o quanto a sua vida se afastou dela - decide ajudar o vizinho a recuperar todas as memórias perdidas. Uma história inquietante sobre a memória e o que resta de nós quando a perdemos.

Breve mensagem do autor aos leitores:

Caros leitores

*Infelizmente, não poderei estar aí, e conversar um pouco convosco sobre o *Flores*, mas gostaria de agradecer a vossa disponibilidade e interesse. Os livros são objectos inanimados quando estão nas estantes, sem leitores, mas tornam-se seres vivos, ou universos inteiros, se são lidos. Acredito que os livros só fazem sentido quando chegam às mãos dos leitores, quando são discutidos, elogiados ou odiados. É precisamente isso que faz deles criaturas que respiram e que se reproduzem e que se metamorfoseiam. Um mesmo texto lido por uma pessoa é uma coisa, por outra será algo completamente diferente. Lido há uma semana terá determinado impacto, lido uns anos depois terá outro. Os escritores têm uma dívida impagável para com quem os lê.*

Na impossibilidade de colher as flores que certamente surgiriam da vossa experiência de leitura, deixo-vos um agradecimento sincero. Espero que possamos conversar noutra altura. Abraços,

Afonso Cruz

Jornal Público – 09/10/2015:

O livro de uma palavra só - Em Flores, Afonso Cruz constrói uma história a partir da perda da memória. Sem esquecer as circunstâncias políticas do Portugal de hoje.

Flores é o título do novo romance de Afonso Cruz. Só tem uma palavra e há uma razão para isso.

O escritor, que nasceu em 1971 e é também ilustrador e músico da banda The Soaked Lamb, conta que os leitores sempre reduzem os seus livros – mesmo aqueles com títulos grandes, como Para Onde Vão os Guarda-Chuvas, Jesus Cristo Bebia Cerveja, Os livros que devoraram o meu pai – a uma única palavra: “a boneca”, “o pintor”, “os guarda-chuvas”... Por isso, desta vez resolveu o assunto à partida e deu-lhe um título de uma palavra só.

Evita assim coisas, “muito divertidas”, como a que lhe aconteceu quando começou a escrever num jornal e na apresentação que dele fizeram se viu com surpresa descrito como autor de um livro intitulado O Pinto Dentro do Armário. Foi um engano. “Referiam-se ao livro O Pintor Debaixo do Lava-Loiças, falharam as palavras todas”, conta Afonso Cruz a rir-se. “Uma vez, num festival literário na Madeira, há alguns anos, uma senhora chegou ao pé de mim e disse-me que admirava muito os meus livros em especial aquele das ‘canalizações’ [risos]. Era O Pintor Debaixo do Lava-Loiças. Achei que era uma coisa esporádica mas, no ano passado, na Feira do Livro de Lisboa, uma senhora disse-me exactamente a mesma coisa: ‘Gosto muito das canalizações’.”

Como a memória nos forma

No seu livro A Boneca de Kokoschka (Prémio da União Europeia para a Literatura 2012), Afonso Cruz aflorou o episódio de um músico que perde a memória: um dia acorda sem saber tocar. “Era um músico genial [Pat Martino] que sofre um aneurisma e quando acorda da operação não se lembra de como se faz um dó na guitarra. Decide voltar a aprender a tocar com os discos que ele próprio tinha gravado, ou seja consigo mesmo. Torna-se um guitarrista ainda melhor do que era, acaba por se superar. É uma viagem interior muito bonita, um virar-se para dentro para se reaprender”, lembra Afonso Cruz, acrescentando que esse foi “o ponto de partida” para este seu novo romance, Flores.

E embora a personagem que neste livro perde a memória, o senhor Ulme, não tenha absolutamente nada a ver com este músico, o tema do livro é precisamente o mesmo: como a memória nos forma. “Este senhor tem um aneurisma e acaba por se esquecer de tudo o que eram memórias afectivas: sabe o número do Multibanco mas não se lembra do primeiro beijo. Sabe tudo sobre música, mas não se lembra de ter visto uma mulher nua. Aliás é assim que o narrador de Flores se apercebe de que o senhor Ulme perdeu a memória.”

É esse narrador, um jornalista cansado da vida que leva, que vai a certa altura tentar recuperar-lhe as memórias afectivas, aquelas que o senhor Ulme esqueceu ao longo da vida. “Claro que é um trabalho impossível porque há imensas contradições. Se perguntarmos a uma pessoa que não gosta de nós o que pensa de nós, dir-nos-á que

somos uma pessoa odiável; e se fizermos a mesma pergunta a alguém que nos adora, somos uns santos. É o que vai acontecer neste livro”, explica Afonso Cruz. É uma das riquezas de Flores, a teia e o puzzle que o escritor constrói e que nos fazem querer não largar o romance até ao fim (também tem graça chegar-se ao fim sem certezas, por causa de tantas versões contraditórias).

Como se sabe, também a memória é muito subjectiva e isso está reflectido na construção deste livro. “Mudamos a nossa memória à medida que vamos envelhecendo e que vamos reinterpretando as coisas. Cada pessoa terá uma ideia do que eu sou – que não coincide com a imagem que vejo ao espelho, nem física nem psicologicamente. Este romance também joga muito com isso, com a ideia de estarmos em frente ao espelho e das fantasias que temos nessas alturas”, explica o autor.

Esses momentos em que o narrador efabula ao espelho são um dos pontos fracos de Flores. É um elemento perturbador na leitura, que retira força ao romance. Por vezes o leitor deixa de saber onde está, de onde vem aquilo, quem são aquelas personagens. Afonso Cruz explica: “São personagens de sucesso, que o protagonista ambiciona. Muitas das nossas ficções têm a ver com este tipo de coisa: imaginarmos aquilo que gostaríamos de ter para as nossas vidas.”

Surrealismos à parte, as duas personagens principais de Flores são fortes, bem construídas e muito diferentes na sua maneira de estar no mundo (embora estejam os dois a tentar recuperar o passado). “Um não tem passado e o outro vive numa rotina, acha que as coisas não têm sabor, não têm vida, não têm paixão. Enquanto um não se lembra do primeiro beijo, o outro dá um beijo como quem faz a cama ou como quem põe a máquina a lavar”, diz Afonso Cruz.

O narrador de Flores vive uma rotina, e tudo o que sai dela o perturba, o deixa angustiado, amargurado e irritado. “A rotina implica algum esquecimento, o acto que é eternamente repetido acaba por desaparecer e torna-se praticamente invisível. Muitas das coisas que vivemos –injustiças diárias, etc. –, e que poderiam afectar-nos de alguma maneira, deixam de o fazer e ganham invisibilidade, acabam por desaparecer do nosso quotidiano. Deixámos de ver os sem-abrigo, criámos uma certa dessensibilização em relação a assuntos ou a circunstâncias, o que de certa maneira também nos permite viver o nosso mundo de uma maneira mais leve”, justifica o escritor.

Pelo contrário, o senhor que perdeu a memória sofre desmesuradamente com o que lê nos jornais e fica irritado e desesperado com as más notícias que o rodeiam e com as tragédias a que assiste. É assim que Afonso Cruz introduz no livro a hierarquia da distância, que nos faz sofrer menos com o que está mais longe de nós. “O valor da vida humana começa a diminuir à medida que se afasta de nós: dez mil chineses não é a mesma coisa que quatro espanhóis e não é a mesma coisa que o nosso vizinho ou que o nosso periquito. Ficamos mais chateados com as coisas que acontecem aos que estão mais perto de nós. Não deveria ser assim, a vida humana não é hierarquizável através da distância, mas a verdade é que lidamos com o mundo dessa maneira.”